



A vida no Espírito: nova lei do cristão, Rm 8,1-13

Life in the Spirit: the new law of the Christian,
Rm 8,1-13

*Anderson Moura Amorim**

PUCRio

Recebido em: 24/08/2024. Aceito em: 30/09/2024.

Resumo: O presente artigo analisa a importância do tema da vida no Espírito em Rm 8,1-13. Segundo Paulo, o Espírito de Deus habita nos homens que estão em Cristo Jesus. Através dessa união com Cristo, os homens se tornam instrumentos do Espírito, não como pessoas naturais, mas como aqueles que estão mortos e sepultados com Cristo, coparticipantes na ressurreição. Contrapondo o velho ao novo homem, “o apóstolo dos gentios” (Rm 11,13) e “mestre das nações” (1Tm 2,7) convida os cristãos a manterem a pureza do corpo e das ações, pois todo batizado é templo do Espírito Santo (Rm 8,9). No Espírito, a moral cristã torna o batizado livre, uma vez que “a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus nos libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2.13). Metodologicamente, este estudo, pauta-se pela pesquisa bibliográfica. Entre as hipóteses, observa-se que, no epistolário paulino, a vida moral cristã se origina da vida no Espírito, destacando três pontos: o contexto do surgimento da Carta aos Romanos; a morte do cristão, como viver segundo a carne; e viver no Espírito. Percebe-se que, para Paulo, “o viver no Espírito” (Rm 8,2) é estar em Cristo, moldando a conduta ética do cristão e guiando seu agir confiante em Deus. Tal perspectiva enriquece e avança na reflexão bíblico-teológica, especialmente no tocante ao epistolário paulino.

Palavras-chave: Paulo; romanos; nova lei.

Abstract: This article analyzes the importance of the theme of life in the Spirit in Romans 8:1-13. According to Paul, the Spirit of God dwells in men who are in Christ Jesus. Through this union with Christ, men become instruments of

* Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUCRio, 2024). Docente na Faculdade Católica de Feira de Santana, FCFS. Trabalho realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

E-mail: christo.moura@hotmail.com.





the Spirit, not as natural persons, but as those who are dead and buried with Christ, co-participants in the resurrection. Contrasting the old man with the new man, “the apostle to the Gentiles” (Romans 11:13) and “teacher of the nations” (1 Timothy 2:7) invites Christians to maintain purity of body and actions, since every baptized person is a temple of the Holy Spirit (Romans 8:9). In the Spirit, Christian morality makes the baptized person free, since “the law of the Spirit of life in Christ Jesus has set us free from the law of sin and death” (Romans 8:2, 13). Methodologically, this study is guided by bibliographical research. Among the hypotheses, it is observed that, in Paul’s epistolary, Christian moral life originates from life in the Spirit, highlighting three points: the context of the emergence of the Letter to the Romans; the death of the Christian, as living according to the flesh; and living in the Spirit. It is perceived that, for Paul, “living in the Spirit” (Rom 8:2) is being in Christ, shaping the ethical conduct of the Christian and guiding his trusting actions in God. This perspective enriches and advances biblical-theological reflection, especially with regard to Paul’s epistolary.

Keywords: Paul; romans; new law.

Introdução

Este artigo tem como objetivo explorar o conceito de “vida no Espírito” descrito em Rm 8,1-13, destacando sua relevância tanto teológica quanto ética na vida cristã. Paulo apresenta o Espírito de Deus como a força transformadora que habita nos cristãos, transformando-os de homens naturais em seres espirituais, unidos com Cristo na morte e na ressurreição. Essa transformação implica uma nova identidade que substitui o “velho homem” (Rm 11,13) e exige uma pureza de vida, refletindo a profunda mudança que ocorre ao se viver em Cristo (Moo, 1996, p. 482).

No contexto da epístola, Paulo contrapõe a vida segundo a carne à vida segundo o Espírito, enfatizando que a nova lei do Espírito da vida oferece libertação da lei do pecado e da morte (Rm 8,5). A pesquisa aborda como essa mudança de regime legal e moral é fundamental para entender a ética cristã, revelando que a verdadeira liberdade e moralidade cristã emergem da ação do Espírito (Hans, 1995, p. 142). O Espírito é visto não apenas como uma força que inspira ações concordantes, mas como um princípio vital que vivifica e dirige a vida do cristão (Paige, 2000, p. 1498).

O estudo, estruturado a partir de pesquisa bibliográfica como metodologia, é dividido em três pontos: analisa-se a contextualização da perícopa de Rm 8,1-13; evidencia-se a morte do cristão ao viver segundo a carne; e demonstra-se o viver segundo o Espírito. A análise



busca evidenciar que viver no Espírito, conforme descrito por Paulo, é uma manifestação da nova identidade em Cristo e um guia para a conduta ética, mostrando como o Espírito, fruto da nova aliança, molda e plenifica a vida cristã com confiança em Deus.

1 Contextualização da perícopre de Rm 8,1-13

A Carta aos Romanos, ao contrário do que afirmaram alguns por muito tempo, é um texto pastoral, assim como todas as cartas de Paulo, e nasceu de sua paixão pela evangelização entre os pagãos (Penna, 2007, p. 65). Há uma concordância geral entre os estudiosos de que a Carta aos Romanos foi escrita na cidade de Corinto entre os anos 55 e 56 d.C., provavelmente ao fim da terceira viagem missionária (Dunn, 2022, p. 75). Paulo enviou essa famosa epístola para preparar a comunidade cristã da capital do Império Romano, da qual conhecia alguns membros, para a sua visita.

Conforme Fitzmyer (2011, p. 515), era intenção de Paulo, após retornar de Jerusalém, continuar suas viagens missionárias à Espanha, passando por Roma, onde provavelmente desejaria estabelecer uma base, já que ali existia uma comunidade cristã. No entanto, de acordo com Pohl (1999, p. 21), o plano de Paulo não foi posto em execução, pois, ao se dirigir a Jerusalém, foi preso e levado a Roma em circunstâncias bem diferentes daquelas que havia planejado.

A Carta aos Romanos é amplamente considerada pelos estudiosos como a mais significativa das epístolas de Paulo, não apenas pela sua extensão, mas sobretudo pela sua profundidade doutrinária (Bortolini, 1999, p. 9), oferecendo uma síntese bem estruturada do pensamento teológico do apóstolo (Dunn, 2003, p. 483). Segundo Penna (2004, p. 21), os temas tratados na carta e os debates de Paulo com o judaísmo visam corrigir falsas interpretações de suas pregações entre os pagãos. O escrito aborda temas teológicos fundamentais, como a justiça de Deus em relação ao pecado (Rm 1-4) e a justificação pela fé (Rm 5-11), além de suas consequências, como a certeza da salvação e a vida divina (Rm 9-11). Seguem-se as exortações morais (Rm 12,1-15, 14) e o epílogo (Rm 15,14-16, 27) (Dunn, 1987, p. 2842-2845). Para Fitzmyer (2008, p. 480), Rm 8 é o “ponto alto” da teologia paulina, com uma variedade de temas doutrinários, e a perícopre de Rm 8,1-13, escolhida para nosso estudo, ilustra e destaca ainda mais essa importância central (Dunn, 2003, p. 483).



De acordo com Dunn (1987, p. 2842-2845), Rm 7 e 8 formam uma unidade, representando o verso e o reverso da mesma moeda e ilustrando o itinerário da libertação da lei para a vida no Espírito. A antítese entre espírito e carne em Romanos difere do dualismo grego, no qual o espírito imaterial é visto como oposto ao corpo material (Dunn, 2003, p. 535-546). Na visão de Paulo, influenciada pela antropologia hebraica, o homem é compreendido como uma totalidade psicofísica. Carne e espírito, nesse contexto, não são opostos metafísicos, mas representam duas atitudes da pessoa: uma que se fecha na autossuficiência e outra que se abre a Deus e ao amor ao próximo. Assim, Romanos descreve dois dinamismos opostos que moldam a experiência humana (Fitzmyer, 2011, p. 558-560).

Para Penna (2007, p. 128), o foco de Rm 8 está na relação entre o Espírito e o crente inserido em Cristo. Assim, em última análise, o cerne da argumentação é o ser humano em si, na medida em que se renova e permite ser orientado pelo Espírito. Embora o Espírito Santo seja mencionado 15 vezes nos versos 1-17, o ponto central de Paulo não é o Espírito em si, mas o que o Espírito faz e o que o crente pode realizar em e através do Espírito (Moo, 1996, p. 469). Apesar da importância de definir a essência do Espírito Santo e sua relação com Cristo e o Pai, é o trabalho do Espírito em benefício dos cristãos que é mais destacado. Portanto, o capítulo se concentra nas bênçãos e privilégios concedidos aos crentes pelo Espírito Santo (Moo, 1996, p. 468).

O Espírito, no entanto, não é uma característica intrínseca do ser humano, mas um puro dom de Deus, uma intervenção divina. É um presente que depende do Espírito que habita em nós como um dom (Rm 5, 5), um dom que recebemos (Rm 8, 15) (Penna, 2007, p. 129). Rm 7 termina com a dramática pergunta: “Quem me libertará deste corpo de morte?” (Rm 7, 24). Logo em seguida, Paulo inicia uma nova exposição da realidade do processo de salvação presente por meio do Espírito: “A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,2) (Dunn, 1988, p. 415-416). Na cruz, o regime da lei foi completamente cumprido; agora é o momento da atuação de um novo princípio de salvação: “a lei do Espírito”.

2 Morte do cristão: viver segundo a carne

No pensamento grego, a noção de *sarx* (carne) designa estritamente uma substância, referindo-se à substância corporal do homem (Vaz, 2014, p. 177). Esse sentido propriamente físico é quase superado no



Novo Testamento, que herda a tradição judaica do Antigo Testamento. No Antigo Testamento, o termo “carne” designa a condição do homem diante de Deus, enfatizando sua fraqueza natural e finitude como criatura (Gonzalez, 1980, p. 274). Essa perspectiva é mantida e aprofundada no Novo Testamento, onde “carne” também simboliza a limitação humana e a necessidade de redenção, refletindo a contínua fragilidade do ser humano em relação à divina graça.

O termo *sarx* é importante para entendermos o conceito de humanidade na teologia paulina, pois os conceitos antropológicos do Antigo Testamento, como *'ish* (homem), *rúah* (espírito), *nephesh* (alento), *leb* (coração) e *basar* (carne), são desenvolvidos por Paulo. Ele considera a pessoa em sua totalidade e realidade ontológica (Kümmel, 1974, p. 15). Para Paulo, o *anthropos* refere-se ao ser humano como uma unidade integral, sem a divisão platônica entre corpo e alma, mas abrangendo seu coração (*kardia*), corpo (*soma*) e carne (*sarx*) (Dunn, 2003, p. 291).

A expressão *sarx* é um dos termos mais importantes na antropologia paulina, como destaca Dunn (2003, p. 291). No entanto, ele observa que a controvérsia em torno desse termo decorre de sua ampla gama de significados, que varia desde o sentido neutro de material físico do corpo até a conotação de “carne” como uma força hostil a Deus. Dunn (2003, p. 291) argumenta que Paulo usa *sarx* para denotar tanto a influência judaica, no sentido de materialidade, quanto a influência helenística, como uma realidade que se opõe a Deus. Assim, *sarx* abrange uma complexa interação de conceitos que refletem tanto a fragilidade humana quanto a oposição espiritual.¹

Na perícopes que fundamenta este artigo da Carta aos Romanos, o vocábulo *sarx* recebe a conotação de fraqueza moral: a carne enfraquece e incapacita a lei (Rm 8,3). Segundo Moo (1996, p. 469), Paulo usa o termo *sarx* para designar a condição humana tal como ele a percebe historicamente: cercada de limitações e contaminada pelos pecados, que

¹ Nota-se em Paulo uma amplitude no uso das expressões “na carne” ou “segundo a carne” para designar o homem submetido ao pecado: o termo corpo (*soma*), perpassa toda a teologia paulina e designa o corpo humano, corpo do pecado, corpo da morte (Rm 6,6;7,24); corpo de carne de Cristo (Cl 1,22;2,11); corpo ressuscitado (1Cor 15,44); corpo do cosmos (Cl 1,18); o corpo humano (Cl 2,23); Cristo como a encarnação da plenitude divina (Cl 2,9), Cristo como a “realidade” final (Cl 2,17), e o corpo da Igreja (Cl 1,18.24;2,19;3,15); e carne [*sarx*] que descreve “campos de forças” opostos ao Espírito de Deus: viver “segundo a carne” é contrária à vida cristã (Rm 8,4-13), pois, a carne produz corrupção (Gl 6,8) (Dunn, 2003, p. 93).



criam uma espécie de atmosfera viciada. O homem imerso nessa situação só pode escapar com a ajuda da graça de Deus, aceita livremente (Moo, 1996, p. 469). Relacionando com o capítulo 7, observamos que *sarx* é a esfera das operações do pecado: “quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas que através da Lei operavam em nossos membros produziam frutos de morte” (Rm 7,5), e “sou eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne a Lei do pecado” (Rm 7,25).

A relação entre Rm 7,7-25 e Rm 8 é clara: em Rm 8,2-4, Paulo esboça a solução para o problema do “eu”. A obra de Deus em Cristo, mediada pelo Espírito, supera a lei em sua incapacidade (Moo, 1996, p. 409), pois, embora a lei tenha origem divina, ela não pode justificar nem salvar, estando enfraquecida pela carne (Rm 8,3a). Em Rm 8, o “eu” desaparece, sendo substituído por “tu” ou por “nós” e “vós”, representações da primeira e segunda pessoa do plural. Há mudança de tempo verbal, do presente dramático de Rm 7,14-25 para o passado, refletindo uma perspectiva de existência conforme o Espírito Rm 8 (Penna, 2007, p. 81). Essa mudança marca a transição para a solução da difícil situação descrita anteriormente.

2.1 O “eu dividido”² e a lei

No capítulo 7, é evidente a complexidade de estar dividido pelo pecado. O “eu” do apóstolo se vê como dividido: deseja fazer o bem e evitar o mal, mas, paradoxalmente, não consegue realizar o bem e acaba cometendo o mal (Rm 7,18-21). A causa dessa divisão interior é, sem dúvida, o pecado, que escraviza a pessoa, impedindo-a de realizar verdadeiramente o que deseja (Rm 7,20). Essa tensão é abordada no capítulo 8, onde Paulo adverte os romanos de que viver segundo a carne leva à morte, enquanto viver no Espírito resulta em vida e paz (Rm 8,13). No capítulo 8, Paulo apresenta a solução para essa luta interna, destacando o papel libertador do Espírito Santo, que capacita o crente a superar a fraqueza da carne e viver uma vida conforme a vontade de Deus (Moo, 1996, p. 482).

Neste contexto, Dunn (2022, p. 605) afirma que a tensão do “eu” de Paulo é também escatológica, refletindo um estado de “já” e “ainda não”. Isso pode ter base em textos proféticos do Antigo Testamento, como Jeremias 31,31-34 e Ezequiel 36,27. O crente está em um estado de cons-

² DUNN, 2003, p. 535-540.



tante conflito, pois ainda não foi completamente libertado do domínio da carne. Há uma espécie de “guerra” interna, onde o “eu carnal” continua escravizado pelo pecado, enquanto anseia pela ressurreição do corpo e pelo pleno triunfo da vida sobre a morte (Dunn, 2022, p. 605). Essa tensão pode ser resumida como um conflito entre o homem dominado pela carne/pecado/morte e o desejo de alcançar a salvação em Cristo/vida. A era presente, caracterizada pelo poder do pecado e da morte, continua a influenciar a natureza humana enquanto perdurar. Somente aqueles que escolhem a vida em Cristo trilham o caminho da verdadeira vida (Moo, 1996, p. 472-473).

Nessa divisão do “eu” de Paulo, observamos também uma divisão da Lei³: a Lei de Deus e a lei do pecado. Paulo entende que a Lei se preocupa apenas com as transgressões e se limita a sancionar penas contra os pecados, deixando os judeus sob o domínio do mal. A Lei, além disso, pode até provoca o pecado, transformando em “pecado formal” atos que, por si mesmos, não seriam necessariamente maus. A eficiência positiva da Lei reside em expor as transgressões em sua verdadeira natureza como transgressões conscientes (Penna, 2007, p. 132). Assim, enquanto a Lei revela a gravidade do pecado e a necessidade de redenção, ela não tem o poder de transformar o coração humano ou libertar completamente da escravidão do pecado. Essa função reveladora da Lei é uma preparação para a solução oferecida em Cristo, que supera a falha da Lei ao proporcionar verdadeira transformação e liberdade através do Espírito (Penna, 2007, p. 132).

O pensamento de Paulo em Romanos (como também em Gálatas) acerca da lei tem um duplo objetivo: primeiro, retirar dos judaizantes o privilégio da paternidade de Abraão; e segundo, diminuir a importância da Lei e da circuncisão, das quais eles se envaidecem (Cerfaux, 2003, p. 178). Paulo argumenta que, através da Lei, o homem toma conhecimento do pecado. Por exemplo, a concupiscência, sem a Lei, seria praticante

³ Conforme Penna (2007, p. 132), o significado do termo “Lei” é variado. Esta questão análoga, já é encontrada em Rm 3,27. Este termo aqui indica: 1) ou a lei mosaica no sentido estrito, da qual Paulo reconheceria que também pode ser associado ao Espírito e não apenas ao pecado e à morte; 2) ou se a dupla recorrência do termo deve ser entendida de forma disjuntivamente como uma referência a um duplo significado de “lei”, respectivamente num sentido genérico (o do Espírito) e num sentido especificamente mosaico (o do pecado e da morte); 3) ou as duas frases (“lei do Espírito” e “lei do pecado e da morte”) denotam apenas o sentido genérico de norma, regra, princípio, para que seja, respectivamente, o Espírito e o pecado/morte, não a Torá, a ser considerado como valores alternativos, mas normativos da existência.



inexistente, pois ninguém a reconhecera ou se preocuparia com ela. A Lei torna evidentes as proibições e, devido à malícia inata do ser humano, ele se torna incapaz de resistir e acaba caindo no pecado (Pitta, 2009, p. 287). Assim, a Lei revela a gravidade do pecado e a incapacidade humana para cumpri-la perfeitamente, preparando o caminho para a solução em Cristo.

A ideia de que a Lei nos “amarra” (Dunn, 2022, p. 604) ao pecado refere-se ao fato de que a Lei revela o pecado e, assim, lhe dá vida (Rm 7,8). Antes da Lei, o pecado estava como que adormecido; mas com a chegada da Lei, o pecado revive. Embora a Lei seja, em si mesma, santa, o homem usa esse bem para se vincular às paixões do pecado e produzir a morte (vivência na carne). No entanto, o Espírito entrou em cena e se unirá a Cristo para produzir frutos para Deus. A morte associada ao pecado impõe uma lei tirânica que escraviza o homem; por outro lado, o Espírito, através da mediação de Cristo, estabelece uma lei mais poderosa que liberta todos os escravos e os conduz à vida (Rm 8,2) (Dunn, 2022, p. 607).

A Lei mosaica é incapaz de sustentar o avanço do pecado devido às forças do mal que penetram profundamente na condição humana. A carne designa essa tendência pessoal de resistência a Deus, que conduz à morte (Dunn, 2022, p. 618). Em contraste, o Espírito oferece um dinamismo oposto à carne e é o princípio da vida nova (Dunn, 2022, p. 606). Enquanto a carne é o impulso para o mal, o Espírito é o impulso para a vida, criando um coração novo. Assim, é o Espírito que realmente liberta, e não meramente um conjunto de normas e regras.

É importante notar que Paulo não adota uma perspectiva de dualismo antropológico, que vê a carne e o Espírito como impulsos ou poderes internos conflitantes dentro de uma pessoa. Em vez disso, ele os apresenta como características dominantes dos dois “reinos” distintos na história da salvação (Moo, 1996, p. 484-485). Segundo Moo (1996, p. 484), “caminhar segundo a carne”, em Paulo, significa ter a vida moldada e guiada pelos valores deste mundo, que está em rebelião contra Deus. Por outro lado, “caminhar segundo o Espírito” implica viver sob o controle e em conformidade com os valores da “nova era”, que foi criada e é governada pelo Espírito de Deus como um dom escatológico (Moo, 1996, p. 484-485). Dessa forma, Paulo delineia não apenas uma luta interna, mas um contraste entre duas realidades abrangentes que moldam a existência humana.



2.2 Viver segundo a carne

O estado de estar na carne é o oposto de caminhar no Espírito (Paige, 2000, p. 1498). A “carne” representa o ser humano em toda a sua realidade ontológica, que, atingido pelo pecado, se torna frágil, corrompido, propenso ao pecado e voltado para a busca de interesses egoístas. Não se trata de o homem possuir uma “natureza pecaminosa”; em vez disso, ele é descrito como uma “natureza pecaminosa” (Paige, 2000, p. 1498). Isso significa que, na visão paulina, a condição humana está profundamente marcada pelo pecado, que afeta a totalidade do ser e molda suas inclinações e comportamentos. Em contraste, viver segundo o Espírito implica uma transformação radical, onde o Espírito de Deus redefine os valores e a orientação da vida, oferecendo uma nova forma de existência que está em conformidade com a vontade divina e voltada para a renovação e a vida em Cristo.

A carne (*sarx*) é especialmente afetada pelo pecado e pela morte: “Os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne” (Rm 8,5) e, portanto, suas inclinações conduzem à morte e ao pecado, afastando-os de Deus (Cerfaux, 2003, p. 220). No entanto, a relação da carne com o pecado não é intrínseca; sua malícia é adquirida e resulta da vontade humana que a submete ao pecado. Embora o instinto natural busque a conservação e o desenvolvimento, também pode manifestar egoísmo e egocentrismo, que não levam à realização pessoal, mas ao consumo e ao fracasso, resultando na morte (Rm 8,5-7) (Dunn, 2022, p. 616). De acordo com Stott (2001, p. 267): “Quando Paulo fala em *sarx* está se referindo ao todo que compõe a nossa natureza humana, vista como corrupta e irredimida, ‘nossa natureza caída e egocêntrica’, ou o ego dominado pelo pecado”.

Segundo Morris (2006, p. 212), o pecado, manifestado como o desejo de autoafirmação, leva as pessoas a realizar ações que desafiam a morte e a criar ídolos, estando presente até mesmo no meio da comunidade cristã. Esse desejo escraviza os pecadores, pois “o desejo da carne é a morte” (Rm 8,6). Nesse contexto, Dunn (2022, p. 424-425) observa que, para Paulo, a ética não se refere simplesmente aos frutos do arrependimento, mas sim aos frutos do Espírito. Viver de maneira diferente do mundo, na prática, é a expressão de ter sido libertado do mundo através do sofrimento e da morte de Cristo. Portanto, a verdadeira transformação ética resulta da influência do Espírito Santo e da nova identidade em



Cristo, que se manifesta em uma vida distinta das práticas e valores do mundo (Dunn, 2022, p. 424-425).

A partir da idolatria, desenvolveu-se a imoralidade, especialmente a sexual, que é o foco da impureza (Kümmel, 1974, p. 19). Portanto, a santidade cristã deve ser definida principalmente em contraste com a vida pagã. Aquele que vive segundo a carne é alguém que se contenta com seus próprios recursos, rejeitando o dom gratuito de Deus. “As obras do corpo” (Rm 8,13) representam uma forma de agir consciente que leva inevitavelmente à morte, uma vez que “o desejo da carne é inimigo de Deus” (Rm 8,7) (Pitta, 2009, p. 290).

Neste sentido, Kruse (2006, p. 130) conclui que,

Em Gl 3,1-5 Paulo indica que a recepção do Espírito pelos gentios e a sua contínua experiência do Espírito era independente da sua observância da lei, e em Rm 7,4-6 e Gl 5,16-18 ensina mesmo que é necessário libertar-se das exigências da lei a fim de “dar frutos para Deus”. E, no entanto, paradoxalmente, o Espírito escreve a lei sobre os corações dos gentios (Rm 2,14-16), e a lei é “realizada” na vida daqueles que caminham pelo Espírito (Rm 8,3-4;13,8-10; Gl 5,14-18.22-23), embora isto não signifique que eles transportem todas as exigências da lei, mas caminhando no caminho do amor o que a lei pretendia alcançar é produzido nas suas vidas pelo Espírito.

Por conseguinte, *sarx* expressa a dependência daquilo que é meramente humano, destacando a confiança em si mesmo e em seus próprios recursos, em vez de confiar e depender de Deus. Paulo, em Rm 8,8-9, esclarece que o contraste entre “estar na carne” e “estar no Espírito” é um contraste entre não cristão e cristão. Sem a mentalidade do Espírito, que só é encontrada por meio da união com Cristo (Rm 8,9-10), a vida se ordena de maneira hostil a Deus. A “mentalidade produzida pela carne” (Rm 8,7b) não pode submeter-se à lei de Deus, pois reflete a recusa em reconhecer a dependência humana e a autossuficiência em vez de aceitar o que Deus oferece (Fitzmyer, 1975, p. 122-123). Aqueles que vivem “na carne”, ou seja, aqueles que estão separados de Cristo, não podem agradar a Deus (Rm 8,7-8), pois não se submetem à Sua Lei (Dunn, 2022, p. 426-427).

1.3 O Espírito como nova lei

A palavra “Espírito” (*pneuma*) significa literalmente “sopro” ou “alento” (Kleinknecht, 1975, p. 777). No Novo Testamento, é impor-



tante distinguir o uso deste termo para designar o espírito humano (com letra minúscula) e o Espírito divino (com letra maiúscula). O Espírito Santo é apresentado como uma pessoa divina que, junto com o Filho e o Pai, compõe a Trindade (Verbeke, 1945, p. 409). No entanto, a palavra “espírito” mantém suas outras conotações semânticas no Novo Testamento. Por isso, é importante não confundir o Espírito divino com outros usos do termo, como “espírito do mundo” ou “espírito da escravidão” (Rm 8,15). Essa distinção ajuda a evitar interpretações incorretas e a entender corretamente o papel do Espírito Santo na vida cristã (Verbeke, 1945, p. 409).

A concepção dos profetas antigos de que o Messias e os participantes do Reino messiânico possuem o Espírito é transformada por Paulo na maneira como o Espírito do Messias é transmitido aos participantes do Reino (Schweitzer, 2003, p. 209). Habitualmente pensa-se que o Espírito que se manifesta nos crentes é o Espírito da revelação que estava presente nos profetas e em Cristo. Nesse aspecto, Schweitzer (2003, p. 209) sublinha que, na gramática paulina, o Espírito é identificado como o Espírito Santo (Rm 5,5; 9,1), o Espírito de Deus (Rm 8, 9.11.14), que conhece as coisas de Deus (1Cor 2,11) e explora até as profundezas de Deus (1Cor 2,10). Este Espírito, do qual os crentes participam, é muito mais abrangente do que o espírito profético anterior. Ele é o princípio da vida, da personalidade messiânica e do estado de existência característico do Reino messiânico. Como um dom de Cristo aos que creem nele, a ausência desse Espírito é um sinal de que a pessoa não pertence a Cristo (Rm 8, 9) (Schweitzer, 2003, p. 209).

Na escrita paulina, chamar o Espírito de “Santo” indica que ele é o Espírito de Deus (*tou theou*). No entanto, conforme Isaacs (1976, p. 98), Paulo se concentra mais nos resultados éticos produzidos pela atividade do Espírito sobre o ser humano do que na sua própria natureza. Em linha com o Antigo Testamento, Paulo fala mais sobre a ação do Espírito do que sobre sua essência. O Espírito Santo está profundamente envolvido no processo de santificação, inspirando no crente a justiça, paz e alegria características do reino de Deus. Ele liberta o homem do endurecimento do coração, para que este compreenda o *telos* (a finalidade) da Torá (2Cor 3, 13-18) e reconheça o que é de Deus (1Cor 2,10-14) (Isaacs, 1976, p. 98). O Espírito não é apenas uma força impessoal, mas é o amor de Deus ativo e operante em nós (Rm 5,5).



O conceito de Espírito em Paulo tem uma referência decisiva no 8º capítulo da Carta aos Romanos. Nesta carta, o termo “Espírito” aparece 34 vezes, sendo mais da metade dessas menções encontradas no capítulo 8 (Isaacs, 1976, p. 98). No início da carta, afirma-se que Jesus Cristo, nosso Senhor, foi declarado Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade (Rm 1, 4). No capítulo 8, há uma sequência detalhada da obra do Espírito: ele liberta da lei do pecado e da morte (Rm 8, 2), apresenta os desejos da carne e do Espírito (Rm 8,5-6), e afirma que os fiéis romanos não estão na carne, mas sob a influência do Espírito (Rm 8,9). Além disso, são guiados por Ele (Rm 8,14) e o Espírito os ajuda, intercedendo por eles com gemidos inefáveis (Rm 8,26) (Isaacs, 1976, p. 98).

O Espírito é um dom que aponta para o futuro, como indicado em Rm 8,11.13. Ele faz dos cristãos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rm 8,17). A glória se revelará no futuro supera em muito os sofrimentos do tempo presente (Rm 8,18). Enquanto toda a criação “geme e sofre”, nós também aguardamos a redenção do nosso corpo (Rm 8,19-23). Na esperança, os cristãos já experimentam a salvação (Rm 8,24-25), e o “Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8,26), expressando o que não conseguimos dizer em palavras.

3 Viver segundo o Espírito

A mais notável das recomendações éticas de Paulo é, sem dúvida, o apelo para “viver segundo o Espírito” (Rm 8,5). No capítulo 8 da Carta aos Romanos, a primeira descrição dos cristãos é de pessoas que “não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8,4). Esse tema é igualmente desenvolvido na Carta aos Gálatas, onde Paulo exorta: “Conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne” (Gl 5,18). Outro ponto a ser destacado em ambas as cartas é a descrição dos crentes como aqueles que são “conduzidos pelo Espírito”, enfatizando a importância do Espírito na vida cristã” (Dunn, 2003, p. 723).

Para Barth (2005, p. 457), Paulo contrasta dois regimes: o regime do pecado e o do Espírito da Vida. Ele observa que “passamos da possibilidade visível de nossa existência na carne para a possibilidade invisível de nossa existência no Espírito” (Barth, 2005, p. 457). A mudança ocorre através da novidade trazida pelo Espírito: “se, porém, Cristo está em vós, o corpo está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça” (Rm 8,10). A lei do Espírito não representa uma presença



passageira, mas um dinamismo estável que possibilita a transição da escravidão à liberdade na vida do cristão, “pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5) (Käsemann, 1980, p. 216).

“A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus” (Rm 8,2) está associada à salvação proporcionada pela cruz de Jesus e pela Sua ressurreição, que concede uma nova vida. De acordo com Moo (1996, p. 473), com a cruz, o regime da lei chegou ao fim, e agora opera um novo princípio de salvação: “a lei do Espírito” (Moo, 1996, p. 473). Essa expressão é surpreendente, especialmente considerando a desvalorização da lei promovida por Paulo. O Espírito de Deus foi derramado após a ressurreição de Cristo, indicando que Sua efusão é um resultado dessa ressurreição. O Espírito habita nos homens porque estes estão em Cristo Jesus (Rm 8,9). É por meio dessa união com Cristo que os homens se tornam instrumentos do Espírito, não como seres naturais, mas como aqueles que verdadeiramente estão mortos e sepultados com Cristo (Dunn, 2022, p. 418). Como Paulo afirma: “se o Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o Seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11).⁴

Neste contexto, Paulo afirma claramente a preexistência de Cristo como Filho de Deus (Rm 8,3-4). A “carne” representa a condição humana mortal e é o terreno no qual o Messias confronta o pecado (*hamartia*), enfrentando-o para vencê-lo, conforme as profecias em Isaías (Is 8,9ss; 14,25) (Moo, 1996, p. 477). Apesar de estar na carne, Cristo não se contaminou, mas cumpriu plenamente a essência da lei. O que a Lei não pôde realizar, devido à sua incapacidade, enfraquecida pela carne, Deus o fez ao enviar Seu próprio Filho em forma de carne pecaminosa para condenar o pecado na carne (Moo, 1996, p. 477). Dessa forma, Cristo não apenas enfrentou o pecado, mas também trouxe uma solução definitiva, cumprindo o propósito da Lei e oferecendo uma nova possibilidade de vida através do Espírito (Moo, 1996, p. 473).

É precisamente como “a lei do Espírito” que a Lei deve ser entendida, ou seja, como uma diretriz para a conduta guiada pelo Espírito. Libertada das concepções errôneas, do poder do pecado e da fraqueza

⁴ A ação do Pai aparece de forma explícita pois em Paulo é Deus quem age enviando seu Espírito e ressuscitando Jesus. A ressurreição é um evento absoluto que se define em função do Espírito da vida; Cristo foi estabelecido Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dentre os mortos (Rm 1,4).



da carne que a enfraqueciam, a Lei pode ser experimentada como uma força libertadora e uma lei para a vida. Além disso, é importante notar a conexão entre a “lei do Espírito” e a “lei da fé”. Ambas destacam a importância vital de seguir a vontade de Deus (Hans, 1995, p. 142). Nos dois casos, o qualificativo (“da fé” e “do Espírito”) resume como essa obediência se torna possível, ao mostrar como a confiança humana se encontra com o poder do Espírito (Hans, 1995, p. 142).

A ação do Espírito na vida do cristão confirma que aqueles que creem em Cristo não estão mais na carne; ou seja, viver no Espírito é equivalente a estar em Cristo. Através do Espírito, realiza-se a verdadeira “circuncisão”, a circuncisão do coração, que é fruto da Nova Aliança em Cristo. O Espírito confere um novo sentido à existência, criando e estabelecendo esse sentido, oferecendo uma perspectiva e propósito claros à vida do cristão. Assim, a existência ganha significado e propósito, alinhados com a vontade de Deus, transformando o ser interior e capacitando o cristão a viver de acordo com os valores do Reino de Deus e a experimentar uma nova realidade espiritual (Barth, 2005, p. 44).

Conclusão

Com a perícopes de Rm 8,1-13, chegamos ao ápice da Carta aos Romanos, que é uma das obras mais ricas e teologicamente profundas da literatura religiosa mundial (Dunn, 2003, p. 483). No final do capítulo 7, o apóstolo Paulo clama: “Quem me libertará deste corpo de morte?” (Rm 7,27). Agora, ele responde a essa angústia: “é o Messias” (Rm 8,1). A resposta está na infusão de um novo princípio mais poderoso, o Espírito Santo, que não aniquila o instinto da carne, mas o submete e o supera (Isaacs, 1976, p. 98). O Espírito capacita os crentes a cumprir a lei e assegura a verdadeira vida, conforme prefigurado no Sl 51,12-14 e prometido em Ez 36,27. O Espírito transforma a vida do cristão, possibilitando uma nova forma de existência que vai além das limitações da carne e do pecado, oferecendo uma real libertação e uma nova maneira de viver conforme a vontade de Deus (Käsemann, 1980, p. 216).

A carne, como instinto, representa um dinamismo interno no ser humano que inspira e promove ações. No entanto, quando deixada a si mesma, a carne se opõe a Deus e conduz à morte definitiva (Gn 6,3.5). Em contraste, o Espírito de Deus, ou o Espírito do Messias, se instala no nosso interior como o princípio de uma nova vida. Primeiramente, o Espírito inspira ações que estão em harmonia com a vontade divina;



em seguida, estende seu poder para vivificar até mesmo o corpo mortal. O Espírito não só capacita os crentes a superar a fragilidade ética e a caducidade orgânica do ser humano, mas também oferece uma salvação completa, transformando a vida em sua totalidade e garantindo uma renovação integral que vai além das limitações naturais e espirituais da carne (Barth, 2005, p. 457).

Este Espírito configura a verdadeira identidade dos filhos de Deus, infundindo uma certeza profunda e inabalável na experiência de Paulo (Moo, 1996, p. 473). Essa realidade é tão contundente que leva o apóstolo a exprimir com confiança absoluta: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35-39). Paulo percebe que essa união íntima e indissolúvel sustenta a participação do cristão na morte e na ressurreição de Cristo. Essa união se manifesta por meio do batismo, que simboliza a incorporação ao corpo de Cristo; pela Ceia eucarística, que promove uma comunhão contínua com o Senhor; e pela participação na paixão, que permite ao crente compartilhar na vida e na obra redentora de Cristo. O Espírito, portanto, não apenas define a identidade dos cristãos, mas também sustenta sua vivência cotidiana em comunhão com o ressuscitado, oferecendo a garantia de que nenhuma adversidade pode romper o vínculo com o amor divino (Barth, 2005, p. 44).

O cristão deve, por sua própria vontade, tornar progressivamente realidade sua morte para a carne e o pecado, permitindo que os novos princípios do Espírito guiem seu pensamento e suas ações. Sua conduta ética refletirá como a morte e o novo nascimento em Cristo se concretizaram em sua vida (Dunn, 2022, p. 424-425). Na Carta aos Romanos, Paulo desenvolve sua teologia e ética de forma integrada, abordando o caráter essencial da vida cristã por meio de conceitos como santificação, renúncia ao serviço ao pecado, viver para Deus, produzir frutos para Deus e servir ao Espírito. Tudo isso está fundamentado no novo nascimento em Cristo Jesus, que transforma a vida do crente e molda sua prática diária.

Referências

- BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo, II*. São Paulo: Loyola, 1991.
- BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 2005.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.



BORTOLINI, José. *Como ler a Carta aos Romanos: o Evangelho é a Força de Deus que Salva*. São Paulo: Paulus, 1999.

CERFAUX, Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DUNN, James D. G. *A teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

DUNN, James D. G. Paul's Epistle to the Romans: An Analysis of Structure and Argument. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* 25, n. 4, 1987, p. 2842-2890.

DUNN, James D. G. *Romans* [2 vols]. Dallas TX: Word Books, 1988.

DUNN, James D. G. *Comentário à carta de Paulo aos Romanos 1-8*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2022.

FITZMYER, Joseph A. *A Carta aos Romanos*. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 514-591.

FITZMYER, Joseph A. *Teologia de San Pablo*. Síntesis y perspectivas. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

GONZALEZ-RUIZ, José Maria. *O Evangelho de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1980.

HANS Hübner. *La legge in Paolo*. Contributo allo sviluppo della teologia paolina. Brescia: Paideia, 1995.

ISAACS, Marie E. *The concept of Spirit*. A study of Pneuma in hellenistic judaism and its bearing on the New Testament. London: Heythrop Monographs, 1976.

KÄSEMANN, Ernst. *Commentary on Romans*. Grand Rapids MI: Eerdmans, 1980.

Kleinknecht, Hermann. *Pneuma*. Em GLNT, editado por F. Montagnini, G. Scarpat, e O. Soffritti, traduzido por Franco Ronchi, 10:767. Paideia, 1975.

KRUSE, Colin G. Paul, the Law and the Spirit. In: *Paul and His Theology*, editado por Stanley E. Porter, 3:109-130. Pauline Studies. Leiden, Boston: Brill, 2006. p. 109-130.

KÜMMEL, Werner Georg. *Römer 7 und das Bild des Menschen im Neuen Testament*. München: Chr. Kaiser Verlag München, 1974.



MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, Cambridge: Eerdmans, 1996.

MORRIS, L. L. Carne. In: DOUGLAS, J. D. (org.). *O novo dicionário da Bíblia*. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

PAIGE, T. Spirito Santo. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. *Dizionario di Paolo e delle sue Lettere*. Cinisello Balsamo: San Paolo Edizioni, 2000. p. 1489-1504.

PENNA, Romano. *Lettera ai Romani. Rm 1-5*. Introduzione, versione, commento. Vol. 1. Bologna: EDB, 2004.

PENNA, Romano. *Lettera ai romani. Rm 6-11*. Versione e commento. Vol. 2. Bologna: EDB, 2007.

PITTA, Antonio. *Lettera ai Romani*. Nuova versione, introduzione e commento. 3. ed. Milano: Paoline, 2009.

POHL, Adolf. *Carta aos Romanos: Comentário esperança*. Curitiba (PR): Evangélica Esperança, 1999.

SCHWEITZER, Albert. *O Misticismo de Paulo, o Apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003.

STOTT, John. *Romanos*. São Paulo: ABU, 2001.

STRONG, LÉXICO DE. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Versão eletrônica (Libronix). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

VAZ, Henrique Lima. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 2014.

VERBEKE, Gérard. *L'évolution de la doctrine du Pneuma*. Du stoïcisme à Saint Augustin. Paris; Louvain: Desclée de Brouwer, 1945.